

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Gabriel Rodrigues Silva

**COMBATENDO A DESSERTIFICAÇÃO: A PLURIEPISTEMOLOGIA AGROECOLÓGICA  
COMO FERRAMENTA NA ARTICULAÇÃO DE TRABALHADORAS RURAIS DO SEMIÁRIDO  
BRASILEIRO**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).  
Orientador: Elizabeth de Paula Pissolato

Juiz de Fora  
2019

## **DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO**

Eu, **GABRIEL RODRIGUES SILVA**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201673136a, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **COMBATENDO A DESSERTIFICAÇÃO: A PLURIEPISTEMOLOGIA AGROECOLÓGICA COMO FERRAMENTA NA ARTICULAÇÃO DE TRABALHADORAS RURAIS DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO**, desenvolvido durante o período de 06 de agosto de 2019 a 25 de novembro de 2019 sob a orientação de ELIZABETH DE PAULA PISSOLATO, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

**GABRIEL RODRIGUES SILVA**

### **Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

# COMBATENDO A DESSERTIFICAÇÃO: A PLURIEPISTEMOLOGIA AGROECOLÓGICA COMO FERRAMENTA NA ARTICULAÇÃO DE TRABALHADORAS RURAIS DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

Gabriel Rodrigues Silva<sup>1</sup>

## RESUMO

Entre os grandes desafios do século XXI estão o combate ao aquecimento global, os efeitos do desmatamento e do processo de desertificação no semiárido brasileiro. Inserindo-se assim, como espectro específico dessa crise global vigente. O presente trabalho visa, ainda que sucintamente, entender o contexto em que está fixada a seca nordestina com suas facetas geoambientais e socioculturais, neste interim discute a atuação da agroecologia, da agricultura familiar, como mecanismos de reversão eficiente do processo de degradação. O artigo discorre sobre o processo da desertificação e a monocultura, traz à tona o poder dos grandes latifúndios, o monopólio dos recursos hídricos, o clientelismo político e a indústria da seca neste ambiente. Propõe assim, com a pesquisa de campo, comparar estas formas de monocultura que exauram a terra com a compreensão do equilíbrio dinâmico proporcionado pela pluriépistemologia agroecológica. Demonstra, por fim a inserção dos movimentos sociais das trabalhadoras rurais da agricultura familiar nesse contexto, enquanto agentes de transformação social e resistência através dos saberes popular. A base de análise deste trabalho advém de duas entrevistas etnográficas, feitas com duas mulheres, agricultoras agroecológicas. As entrevistas foram realizadas durante o 3º Encontro de Saberes Tradicionais da Caatinga<sup>2</sup>, em 2019, no qual as entrevistadas apresentaram-se como agricultoras sustentáveis, sindicalizadas, benzendeiras e *raizeiras*. A partir de suas trajetórias e desafios no convívio com a seca e com base nas reafirmações de suas origens tradicionais, a análise é empreendida. Portanto, o estudo aponta a constituição de uma pluriépistemologia agroecológica como ferramenta na articulação destas trabalhadoras rurais, bem como de outros representantes deste semiárido brasileiro enquanto forma de resistência e articulação em relação a questões humanas e ambientais que levam a desertificação deste espaço rural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Desertificação, agroecologia, atuação de mulheres, ecojustiça, pluriépistemologia

## 1. INTRODUÇÃO

A temática da seca da região nordeste é um assunto complexo, multifacetado. A seca está inserida tanto em um amplo contexto geoambiental, quanto sociocultural. Esta interação de fatores, geoambientais e socioculturais, quando em ciclo viciosos, produzem um resultado de intensificação das secas, assim como sua degradação ambiental em direção à desertificação e aumento da pobreza.<sup>3</sup> Entretanto, dependendo do aspecto sociocultural que focarmos nossa atenção, o combate ao processo de desertificação se demonstra viável e para além, da qual a agricultura familiar sustentável, em seu ramo de agroecologia sedimentada em sistema agroflorestal, permite convívio eficiente com a seca, manutenção e distribuição eficiente de recursos, garantindo assim soberania alimentar, desenvolvimento tanto humano quanto econômico, tal dedução advém de meu contato com o 3º Encontro de Saberes Tradicionais da Caatinga, realizado neste ano de 2019.

A pretensão aqui é demonstrar, sucintamente, como a interação sociocultural sobre a temática da seca é fundamental para a intensificação ou a amenização da mesma, e como isto está intrinsecamente conectado com uma distribuição eficiente ou não, de recursos e bem-estar social. Dependendo do olhar que se tem sobre a seca, teremos embasamento para pensar políticas públicas de cooperação nesta região. Por exemplo, o senso de *combate* à seca está intimamente ligado a lógica moderna de domínio do homem sobre a natureza, este por sua vez, norteará ações de políticas públicas em relação à seca. Que por vezes desembocam em clientelismos políticos e na chamada *indústria da seca*. Assim, um novo termo para deliberarmos sobre este assunto se faz

---

<sup>1</sup>Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: rodriggabriel@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Elizabeth de Paula Pissolato.

<sup>2</sup> Leia mais sobre em: <http://jornaldoarape.com.br/ii-encontro-de-saberes-da-caatinga-sera-realizado-em-exu-na-chapada-do-arape-em-janeiro-de-2019/>. Acesso em 20 de novembro de 2019.

<sup>3</sup> Estudos sobre o tema estão bem descrito neste artigo: <https://www.cgee.org.br/documents/10195/734063/DesertificacaoWeb.pdf>. Acesso em 20 de novembro de 2019

necessário: Conceito de pluriepistemologia agroecológica do *convívio*<sup>4</sup> com a seca, esta ideia segue a direção da compreensão de sustentabilidade ambiental e social:

*Para desarrollar tal tarea, la agroecología introduce, junto al conocimiento científico, otras formas de conocimiento. Desarrolla, por consiguiente, una crítica al pensamiento científico para, desde él, generar un enfoque pluriepistemológico que acepte la biodiversidad sociocultural. (...) Existen múltiples formas de conocimiento en los grupos históricamente subordinados susceptibles de ser recuperadas para su incorporación al diseño de estrategias agroecológicas. (GUZMAN, 2006 p.5)*

*Combate e convívio*, com a seca, estão inseridas em perspectivas socioculturais opostas, são contrastantes visões de realidade. Estas contrastantes perspectivas paradigmáticas e epistêmicas são fundamentais para entendermos a relação oposta entre agricultura familiar sustentável e grandes latifúndios de monocultura ali existentes. E como se sedimentam as ações político governamentais sobre as mesmas. Há aí uma área de disputa política em plena interação.

## **2. A SECA, DESERTIFICAÇÃO E MONOCULTURA.**

### **2.1. Uma breve contextualização sobre a secas do semiárido Brasileiro:**

Discorrendo brevemente, as compreensões sobre as secas, pois dependendo da perspectiva que se analisa podem ser muitas facetas das secas no semiárido brasileiro. Perspectivas que podem ser abarcadas ora pelas ciências da natureza, ora pelas ciências humanas. Seja ela geoambiental (geográfica, climatológica, ambiental, etc.) ou sociocultural (Sociológica, política, antropológica, histórica, etc.).

Primeiramente, a seca geoambiental: “*em relação aos padrões normais que determinaram as necessidades. Esse tipo de seca tem como causa natural a circulação global da atmosfera e pode resultar em redução na produção agrícola e no fornecimento de água, seja para abastecimento, seja para outros usos.*”(CAMPOS e STUDART, 2001, p.3). Com a área do semiárido medindo 788.064 km<sup>2</sup>, correspondendo a 48% do território nordestino, a incidência da seca está interligada ao fenômeno *El Niño* e o dipolo do atlântico (aquecimento/esfriamento dos Atlântico Norte/sul). O fenômeno *El niño*, por sua vez, é o aquecimento das águas do pacífico tropical que desencadeiam a alteração no clima global por influenciar os padrões de chuva. (MELO, 1999).

*“Fenômenos cíclicos como o El Niño e as oscilações decenais do Pacífico exercem forte influência na variabilidade do clima regional, assim como no resto do planeta. É de esperar, portanto, que mudanças no comportamento desses fenômenos em decorrência do aquecimento do planeta tenham impactos importantes sobre o território brasileiro” (CAMPOS, 2014, p.64)*

A ambientação climática e geográfica da seca exige a compreensão de estar precavido em aprender a conviver com a seca, ante a força maior exercida pelos padrões da natureza. Por mais que saibamos suas origens, suas causas, somos pequenos ante a manipulação dos fatores em nível global. Não mudaremos o fenômeno *El niño*, como não acabaremos com as secas, entretanto, compreender suas causas e origens auxiliam na ação de uma convivência mais eficiente e menos socialmente dolorosa. O contexto sociocultural exige maior precisão de efeitos em política de redução de danos causados pela seca, como pelo *El niño*.

---

<sup>4</sup> O conceito do pluralismo transdisciplinar e pluriepistemológico agroecológico é adaptado do autor hispânico Eduardo Sevilla Guzmán, que está em consonância direta com o senso social nordestino, de certos setores, conscientizados, de *convívio* com a seca. Embora ambos, tanto o autor quanto a setores conscientes da sociedade nordestina, não se referenciem necessariamente um ao outro, há relação da pluriepistemologia agroecológica ao senso de *convívio* com a seca. Será demonstrada evidências mais adiante, sem grandes aprofundamentos, durante o texto.

*“Por seca entende-se o fenômeno que ocorre naturalmente quando a precipitação registrada é significativamente inferior aos valores normais, provocando um sério desequilíbrio hídrico que afeta negativamente os sistemas de produção dependentes dos recursos da terra” (CONVENÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DE COMBATE À DESERTIFICAÇÃO, p.11)*

A seca enquanto fenômeno sociocultural requer uma análise mais complexa, que abarca as dimensões históricas tanto quanto sociais. Na dimensão histórica, elucidar a compreensão desde a invasão portuguesa é importante, pois a colonização gerou a *“degradação ambiental acumulada nos 300 anos de exploração inadequada”* (SAMPAIO *et al*, 2005, p.91). O uso excessivo na exploração da terra ainda deixa sequelas no solo e em nossa vida social. Ao que hoje chamamos de monopólio de recursos hídricos, na apropriação de riquezas regionais e dominação política. (PIRES e FERREIRA, 2012).

A exigência da seca em sua compreensão histórica requer a citação dos registros feitos sobre as secas ainda durante o período do Brasil Colônia quanto Brasil Império, onde há relatos de grande fome, devastação e migração de sertanejos e indígenas. E uma lista de secas que acompanham desde o séc. XVIII até os dias de hoje (CNM, 2017)<sup>5</sup>. Que também desembocam, por sua vez, em estereótipos de vitimização, de miséria, de pobreza e vulnerabilidade. Tais estereótipos podem ser muitas vezes encontrados em teses de determinismos geográficos, tanto em nível antropológico no desmerecimento do povo do Nordeste, como o relegar daquela condição de miséria à realidade climatológica. Teses que foram muito difundidas como instrumento político de dominação no final do século XIX até meados do séc. XX, mas que ficaram enraizadas como ervas daninhas no imaginário social (CASTRO, 2001).

## **2.2. Desertificação:**

*(...) por desertificação entende-se a degradação da terra nas zonas áridas, semiáridas e subúmidas secas, resultantes de vários fatores, incluindo as variações climáticas e as atividades humanas. (CONVENÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DE COMBATE À DESERTIFICAÇÃO, p.13)*

A desertificação atribui-se à degradação da cobertura vegetal e da biodiversidade e assim a perda da capacidade produtiva do terreno. A desertificação enquanto degradação das terras semiáridas é efeito da interação de variados e complexos fatores oriundos da interação humana com o clima. Convenções da ONU na luta contra desertificação adotam essa definição (SÁ *et al* 2010). Os mesmos autores colocam a: *“relação aos fatores humanos, destacam-se o desmatamento, a extração excessiva de produtos florestais, as queimadas, a sobrecarga animal, o uso intensivo do solo e seu manejo inadequado e, por último, o emprego de tecnologias não apropriadas para ecossistemas frágeis.”* (SÁ *et al*, 2010. p.129).

O processo onde as partículas finas e ativas do solo são removidas e transportadas para outros locais pela ação da água e do vento, geram a erosão como principal fator de degradação do semiárido. O desencadeamento da redução da área agrícola, com reduzido rendimento de culturas e assoreamento de rios, acarreta grandes prejuízos à produtividade, integridade do meio ambiente e a renda do agricultor, onde: *“São incontáveis as encostas de solos rasos que hoje não têm mais profundidade suficiente para plantio de quais queiras culturas alimentares e florestais”* (PEREZ-MARIN *et al*, 2012).

## **2.3. Deterioração agrícola, economia e desafios sociais:**

Os índices de susceptibilidade de desertificação tomam como base as seguintes etapas, que se retroalimentam e não necessariamente obedece esta ordem: *“1) Redução da cobertura vegetal, 2) degradação ambiental, 3) Deterioração da agricultura, 4) Declínio econômico, 5) Complicações Sociais.”* MATALLO JUNIOR e SAMPAIO *et al*. (2001, 2003 apud SAMPAIO *et al* 2005), ”

---

<sup>5</sup> Confederação Nacional de Municípios. Para mais informações: < <https://www.cnm.org.br/institucional/conhecaacnm#historico> >. Acesso em 24 de novembro de 2019

Da etapa *deterioração pela agricultura*, as áreas do semiárido obedecem alguns padrões, segundo (SAMPAIO 2005); quase sempre começa com desmatamento e com a substituição da vegetação nativa, por culturas de herbáceos ou culturas de ciclo curto, onde o descobrimento do solo favorece a erosão, com o cultivo continuado sem a reposição de nutrientes a terra, o que conseqüentemente leva a perda de fertilidade do solo. Nas áreas irrigadas o mau manejo dos ciclos de molhamento e a ausência de drenagem podem levar a salinização do solo. O uso de equipamentos de grande porte, pesados, pode levar o solo a compactação.

Da etapa *declínio econômico*, os dados da CNM (2017), quantificou os prejuízos ocasionados pela seca ocorrida nesta década dos anos 2010's. O total de prejuízo nos setores agrícola, industrial e de danos humanos somados chega a 215,6 bilhões. Entretanto, suas análises não levam em conta o processo de desertificação, porém, há uma intrínseca relação entre as secas e o processo de desertificação, como demonstrado. Esta relação afeta mais especificamente as produções agrícolas: *“Entre 2012 a 2017, o setor agrícola obteve o maior acúmulo em prejuízos que os demais setores, a seca dos últimos três anos causou prejuízos de mais de R\$ 148,5 bilhões.”* (CNV, 2018, p. 4-5).

Segundo o artigo *Desertificação e pobreza*, ARAUJO *et al* (2013), com a degradação do meio ambiente, aumentada as atividades antrópicas, há a tendência de resultar em mais desertificação. A extração de recursos vegetais e minerais, grandes pastoreios, expondo o solo a erosão são causas antrópicas diretas na exaustão de recursos. Em consequência, há a diminuição da produtividade, estagnando a economia local, que se baseia em agropecuária; assim por efeito, repercutindo negativamente no desenvolvimento econômico regional. Um ciclo vicioso começa, pois, para se suprir as demandas econômicas se intensifica a pressão antrópica nos ecossistemas. Segundo o autor, há evidências suficientes para correlacionar os níveis elevados de pobreza à intensificação do processo de desertificação e assim o aumento dos períodos de seca. Uma alternativa que vem sendo posta em prática na região é o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar. Setor agrícola aliado ao desenvolvimento sustentável apresenta-se como alternativa viável na utilização dos recursos da terra.

### **3. AGRICULTURA FAMILIAR SUSTENTAVEL E SUA (PLURI) EPISTEMOLOGIA.**

#### **3.1. Agricultura Familiar:**

A associação da perspectiva de uma agricultura sustentável há muito vem sendo sedimentada por congressos internacionais, articulações e movimentos sociais, que a partir da década de 1990 vieram tomando força e legitimação ainda maiores. A agricultura familiar no Brasil é uma importante fonte de renda e contém papel fundamental na produção de alimentos e empregos. De acordo com Evangelista (2000), utilizando informações e dados da ONU para *Alimentação e Agricultura* e do INCRA<sup>6</sup>: *“considerou-se estabelecimento integrante da agricultura familiar aquele dirigido pelo próprio produtor rural e que utiliza mais a mão-de-obra familiar que a contratada.”* (EVANGELISTA, 2000, p.2).

Dentro do contexto de agricultura familiar e dos movimentos sociais que resistem em busca da sustentabilidade, encontramos aqueles grupos que se utilizam do estudo da agroecologia como alternativa viável, tanto economicamente quanto socialmente.

#### **3.2. Agroecologia:**

A agroecologia pode ser definida pelo estudo que permite a implementação de agricultura aliada, em maior nível, a sustentabilidade (SILIPRANDI, 2015). A agroecologia: *“(...) é uma abordagem agrícola que incorpora cuidados especiais relativos ao ambiente, assim como os problemas sociais, enfocando não somente a produção, mas também a sustentabilidade ecológica do sistema de produção”* (HECHT, 2002, apud SILIPRANDI, 2015, p. 26).

As práticas agroecológicas são ancestrais, a “nova” epistemologia agroecológica tem suas raízes plantadas há tempos imemoriais na história da humanidade:

---

<sup>6</sup>Informações obtidas do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Leia mais em: < [www.incra.gov.br](http://www.incra.gov.br) >. Acesso em 20 de novembro de 2019.

*Hecht afirma, porém, que a ciência e a prática da agricultura desde os seus primórdios haviam sido “agroecológicas”, pois eram o resultado de adaptações contínuas dos seres humanos aos ecossistemas e às variações ambientais, por meio das quais foram acumulando conhecimentos e aperfeiçoando seus métodos. A agroecologia apenas recuperou uma herança agrícola que havia sido destruída pela agricultura moderna. (HECHT, 2002, apud SILIPRANDI, 2015, p. 81-82).*

A agricultura moderna abafou as práticas agroecológicas que hoje existem por meio de resistência em expoentes de agricultores familiares. O resultado das adaptações, contidas neste trecho acima transcrito não se distanciam muito daquilo que os próprios agricultores familiares do semiárido brasileiro, se consideram como experimentadores. Muitos agricultores se identificam como sendo experimentadores, conceito fundamental para se ter visão sobre como se dá a sua relação com a natureza. Em um artigo de (BATISTA): *“Agricultora Experimentadora”, entendendo-se como que toda agricultora familiar é experimentadora que buscam inovações para resolver os seus problemas e aproveitar as suas potencialidades de acordo com as suas condições materiais e as condições ambientais.”*

Ocorre que por etnocentrismo do colonizador ou das elites, muitas das vezes esses experimentadores são excluídos dos meios modernos de agricultura e relegados ao desprezo e à marginalidade de seus conhecimentos. Elas o seu saber, a sua ciência ao experimentarem e vivenciarem em seu cotidiano o conhecimento agrícola angariado por suas mãos. Elas experimentam, testam, verificam sua eficiência e utilidade, tem seus métodos que obedecem ao gênero de suas necessidades. Que, entretanto, por não responderem a lógica moderna de domínio da natureza, são tidos como irracionais e não só isso, a verdade fundamental é que são marginalizados por sua cor, raça e condição social.

O protagonismo destes atores sociais, agricultores/camponeses/indígenas, surge quando elencam fundamental transdisciplinariedade no diálogo de saberes entre os conhecimentos científicos e os conhecimentos tradicionais:

*A busca de soluções para as formas de degradação causadas por esse tipo de manejo industrial dos recursos naturais nos levou a desvelar a dualidade da Ciência (como epistemologia e como estrutura de poder); e a trabalhar com as pessoas, introduzindo o conhecimento local camponês e/ou indígena. Assim chegamos à agroecologia como um pensamento pluriepistemológico que articula os conteúdos históricos das lutas de libertação e os saberes locais sobre o manejo dos recursos naturais, com os conteúdos da ciência. (GUZMÁN SEVILLA, 2005 apud SILIPRANDI, 2015 p. 87).*

### **3.3. A pluriepistemologia agroecológica**

O pensamento pluriepistemológico dos saberes científicos e dos saberes tradicionais encontram expoente na voz de duas mulheres entrevistadas durante o 3º Encontro de Saberes da Caatinga, 2019. Na junção dos saberes tradicionais e científicos, reside o desvelar de um poderoso paradigma epistêmico. Pois é nesse exato momento aonde a ciência sai dos muros exclusivista das elites acadêmicas para entrar em diálogo com saberes tradicionais e populares na produção frutífera de conhecimento, aquele que de fato serve a sociedade. De modo que a ciência esteja com o povo e o povo com a ciência, mas para isso, é claro, a perspectiva pluriepistemológica é fundamental. E dentro deste embasamento está a perspectiva pluriepistemológica, consciente, na fala de *Copaíba*<sup>7</sup>, uma das agricultoras agroecológicas:

*“E que a gente percebe que se nos unimos o conhecimento científico junto com o conhecimento popular onde a ciência esteja para o povo. Ele vai de uma certa forma me*

---

<sup>7</sup> Optei por utilizar nome de árvores nordestinas na substituição do nome das agricultoras. Árvore de nome científico: *Copaifera langsdorffii*, possui indicação terapêutica: Dor no corpo, inflamação na garganta, reumatismo, próstata (até com câncer), estômago, gastrite, úlcera, rins (infecção urinária), é antiviral (mata muitos tipos de vírus), picada de inseto, é anestésico, etc. (ANAIS, Fio Cruz-PE, 2018 p.90)

*fortalecer, porque ele vai me trazer a autoafirmação daquilo que eu estou dizendo. E mais do que isso. Ele vai ampliar ainda mais aquele conhecimento. E se ele amplia e diz olha: realmente é o que o os povos os povos tradicionais usavam realmente serve. Eu vou estar valorizando e trabalhando a autoestima dessas pessoas. E vou trazer o orgulho do meu filho olhar pra mim e vou dizer, minha mãe já sabia, minha avó já sabia, minha bisá já sabia. ”*

O protagonismo destes atores da agricultura familiar é central na estrutura agroecológica, se embasando em três aspectos: Desenvolvimento das capacidades técnicas respeitando os processos ecológicos, expansão rural sustentável pelas mãos do camponês e empoderamento desse grupo social que está marginalizado. Deste modo: *“As propostas agroecológicas têm, portanto, um caráter emancipatório, e os movimentos que se formaram em torno da agroecologia aproximaram-se politicamente das lutas por ecojustiça.”* (SILIPRANDI, 2015 p.87)

Na vivência do 3º encontro de Saberes da Caatinga pude presenciar como as pluriepistemologias dialogam entre si na manutenção de um *ethos* agroecológico. Em uma das oficinas propostas de fabricação de óleos essenciais, por exemplo, ocorrida na Agrodóia, (*Associação dos/as Agricultores/as Familiares da Serra dos Paus Dóias*); a agricultora *Copaíba* dispôs os participantes em roda, no concêntrico havia várias palavras impressas nos papéis que remetiam a vivências agroecológicas e sua identidade em afirmação. Como *raizeira*<sup>8</sup>, *meizinha*<sup>9</sup>, *parteiras*, *benzedeiras*, *biodiversidade*, *agrofloresta*, *comunidade*, etc. A agricultora pediu para que ficássemos em cima daquela palavra com qual mais nós identificássemos, criando assim um elo de identidade entre a palavra e a pessoa que estava em cima dela. E diante daqueles que escolherem a mesma palavra, criava-se então um elo de identidade comum entre pessoas.

Muitas das práticas de *raizeira* e *mezinhas* são oriundas de comunidades tradicionais, indígenas e quilombolas. Suas origens nas raízes indígenas e negras, das *mezinhas*, se faz presente com a associação da afirmação de uma identidade aliada ao manejo com na terra, em harmonia com o meio ambiente. A pluriepistemologia agroecologia está vivenciada é neste momento, aonde acontece o resgate de suas identidades associadas ao manejo sustentável:

*“A gente olha e vai criando uma identidade de povos. E foi criando um movimento bem mais forte. E a partir disso a gente olha: é necessário fazer um encontro. O encontro de raizeiro ele surge com a preocupação de fazer, de trabalhar a reafirmação da importância desses povos, de todos eles, mas além disso. A importância de novos povos, de construir e resgatar essa identidade. De reafirmar quem somos de fato. De onde nos surgimos.”* Diz *Copaíba*

### **3.4. Sistema agroflorestal:**

A agroecologia por sua vez utiliza-se de técnicas como o sistema agroflorestal para desenvolvimento eficiente de suas intenções. Entendendo o sistema agroflorestal como a ação que: *“Imitando o ambiente natural pela consorciação de várias espécies dentro de uma área, eleva-se a diversidade do ecossistema e são aproveitadas as interações benéficas entre as plantas de diferentes ciclos, portes e funções.* Sanchez e Young (1995, 1997 apud CARVALHO et al, 2004 p.1153)”. O sistema Agroflorestal é em si uma técnica agrícola da pluriepistemologia agroecológica.

O sistema agroflorestal tem forte inspiração indígena e de sociedades tradicionais, pois as mesmas já se utilizavam destas técnicas. Caracterizando uma economia camponesa de propriedades agrícolas sem o uso de máquinas, com: *“agricultores que definem suas estratégias, escolhem suas soluções para os problemas, privilegiam objetivos e estruturam suas propriedades em um mosaico de práticas e interesses econômicos, sociais e culturais”.* (DALTON, 1967 apud HENKEL e AMARAL, 2008 p. 314). Esta prática agrícola não faz

<sup>8</sup> Raizeira, conforme *Jurema Preta*, é aquela que utiliza de raízes, folhas, cascas e rezas no processo de cura de enfermidades dos mais diversos tipos, desde doenças físicas a perturbações de nível psicológico

<sup>9</sup> Sinônimo de raizeira que se utilizava em tempos passados, segundo agricultora *Jurema Preta*.



utilização do recurso como queimadas para o preparo da terra, também como a não utilização de agrotóxicos e fertilizantes químicos. “*Usa-se o plantio direto, sendo este consorciado com frutíferas e espécies florestais*” (SILVA et al, 2015).

O sistema Agroflorestal demonstra vantagens como: “*diversificação da produção com melhoria da segurança alimentar e renda, redução da incidência de pragas e doenças, além de promover serviços ambientais, melhorando a qualidade do solo, reduzindo a erosão, melhorando a ciclagem de nutrientes e a manutenção da biodiversidade*”. Kato et al. (2014 apud BRITO et al 2017). A hierarquia do sistema agroflorestal é baseada em princípios de sustentabilidade, segurança alimentar e do ambiente biofísico e sustentabilidade social (LOWRENCE, et al, 1986 apud HENKEL e AMARAL, 2008 p.311).

As definições descritas acima sobre sistema agroflorestal sincronizam com as exemplificações feitas a mim por *Copaíba* e seu marido durante a oficina e a vivência de SAF<sup>10</sup> na Agrodóia. Pude visitar suas roças e participar da montagem de uma trincheira. A trincheira é disposta como a trincheira tradicional, a diferença é que em uma mesma trincheira se adiciona sementes sortidas em padrões escolhidos pelo agricultor. De tal modo que se vinga a semente ante a sua disposição. Ante a potência daquela semente e de seu local, sendo adequado ou não a ela. O agricultor encharca o solo com sementes. Mesmo que esta não vingue várias sementes, em sua sabedoria o agricultor entende que a energia daquela semente retornará a terra para alimentar aquela semente que vingar. Esse é um exemplo claro da consciência da interconectividade e da retroalimentação da natureza que o agricultor de SAF possui. Ou no caso, que os agricultores da Agrodóia possuem. E dentre aquelas sementes que vingam, a poda constante e precisa é o meio de intensificação e fortificação do bem agrícola. Pois é pela poda que se fortifica a planta e amplia sua possibilidade de multiplicação em ramos. Segundo o marido de *Copaíba*, o SAF produz uma reação em seu sistema de poda de modo que a natureza demoraria 300 anos para produzir em termos de potência alimentícia, o que a poda e o manejo sustentável fazem em 30 anos. Amplificando as possibilidades alimentícias e sendo intensificadores do ecossistema.

Durante toda a visita os agricultores demonstraram consciência de seu resgate étnico associado a técnicas de manejo sustentável. Outros autores já embasaram essa conectividade entre o SAF e sistemas de etnoconservação de grupos indígenas.

*“Do ponto de vista da etnobiologia e da etnoecologia, Posey (1985) considera esse modo de uso das florestas pelos grupos indígenas como ecomanagement ou etnoconservação, enquanto Alcom (1990) fala em estratégias indígenas para sistemas agroflorestais...”* (HENKEL e AMARAL, 2008 p.313).

Estes agricultores são experimentadores que se inspiram de técnicas indígenas, tanto em níveis de SAF quanto em níveis de saberes tradicionais. Agrupam noções ancestrais de agricultura, que por tentativa e erro, estão experimentando a eficiência de seu mosaico produtivo em busca de sustentabilidade e segurança alimentar. Com a finalidade de reaproveitamento máximo de recursos de modo que haja o mínimo de desperdício. Abarcando uma complexa rede de relações que envolvem virtuosos níveis socioambientais. Deste modo sedimentam a pluriépistemologia agroecológica em seu cotidiano, possuindo uma cosmovisão em que a natureza é aliada e não uma inimiga. Compreendem permeados a estas noções de convivência harmônica, de modo que se *convive* com a seca e o que se *combate* é a desertificação.

#### **4. ENTRE EPSTEMOLOGIAS: DA MONOCULTURA A AGROECOLÓGICA.**

##### **4.1. A moderna “velha” epistemologia:**

Grandes latifundiários de monocultura e seus monopólios de recursos hídricos, em seu grande poderio político oriundo de sua concentração de renda, estes, se alimentam do paradigma da seca como se fosse a causa primária da miséria. Primeiramente por relegarem a responsabilidade da degradação socioambiental ao fenômeno da seca e em segundo, pelos holofotes da seca, canalizam os recursos públicos de combate a ela entre seus interesses privados. Estes são reafirmados da degradação socioambiental, tanto em sentido de intensificadores da seca como desvirtuadores dos recursos públicos para fins políticos privados. Desta forma

---

<sup>10</sup> Sistema Agroflorestal

conseguem conciliares seus interesses privados à seca, fazendo dela negócios, eis que assim surge a *indústria da seca*. Relegando à seca a culpa de toda miséria nordestina e utilizando-a como mecanismo de amplificação de riquezas e influência política. (SILVA, 2003 p.362-69);

E mais além, estes se apoiam epistemologicamente em um paradigma utilitarista de manipulação da natureza como mecanismo afirmador para a captação de recursos públicos para utilizá-los em seus interesses privados. “A articulação em uma razão de combate à seca está embasada no atual modelo civilizatório. A concepção mecanicista de explicação de fenômenos naturais, a perspectiva tecnicista de domínio humano sobre a natureza e a finalidade economicista de exploração e produção como parâmetro de desenvolvimento (SILVA 2003 p.365)”; são bases epistemológicas que legitimam o domínio do homem latifundiário sobre a terra. Dessa perspectiva combater a seca é justificável ao invés de se ter uma compreensão global de convivência com a seca. E adiante, por este embasamento, torna-se justificável a exploração até a exaustão de recursos naturais, obedecendo a influência e os caprichos da lógica do mercado.

A *indústria da seca* se apropria da percepção de *combate da seca*, insere-se na lógica da modernidade de domínio da natureza, da manipulação técnicas e tecnológicas dos organismos vivos e da terra. Esse enfrentamento se utiliza de lógicas de agrotóxicos, transposições de rios e de qualquer desenvolvimento tecnológico que venha demonstrar domínio do homem sobre natureza. Por sua vez está em antagonismo com a compreensão da *convivência com a seca*. A compreensão de *convivência com a seca* está inserida na agenda de políticas públicas, de ONG's e movimentos sociais que se baseiam em um paradigma ecológico, uma pluri-epistemologia de agroecológica de sustentabilidade.

A agricultora *Jurema Preta*<sup>11</sup> faz uma denúncia ao antigo proprietário da terra em que mora, pelo seu uso em exaustão de seus recursos e que agora, como agricultora familiar sustentável, regenera a terra em que vive:

*“A terra que eu moro era de um latifúndio (...) eu era empregada dele e hoje sou dona da terra que era dele. Eu fui empregada dessa terra e hoje eu sou dono dessa propriedade que ele tanto desmatou e deixou só as capoeirinhas, e acabou tudo. Vendendo e explorando com máquina pesada e como ele era deputado federal, não tinha muito conhecimento e... a gente ficou numa desertificação. O cara que era pra ser a figura da lei transformou nossa serra em um deserto.”*

#### 4.2. Crítica do ecofeminismo à lógica da modernidade:

O “velho” paradigma da modernidade insere uma cultura, uma razão, de dominação da natureza e da mulher, aonde o lugar da mulher e da natureza no desenrolar destes processos de dominação fazem com que: “as mulheres passam a ser identificadas como estando mais próximas da natureza do que da cultura, por conta de sua fisiologia, de seu papel social ligado a maternidade e por sua estrutura psicológica, dados o seu corpo e seu papel social” (SILIPRANDI, 2015, p.8.). Relegando-as, a sujeitos de segunda classe, como seres irracionais ou de algum modo debilitadas a exercerem os papéis da modernidade.

O ecofeminismo<sup>12</sup> serve de auxílio a epistêmico para identificação objetiva do problema ecológico ocasionado pelo sistema moderno de dominação da terra.

*A dominação da natureza e das mulheres é explicada e justificada pela existência de um “marco opressivo patriarcal”, uma série de conceitos interligados, caracterizando pela seguinte lógica: dada a existência de um dualismo exclusivista (homens diferentes de mulheres; homens = razão, mente / mulheres = corpo, natureza) e hierarquizador (homens e razão superiores /*

<sup>11</sup> Substitui o nome da agricultora entrevistada pela Árvore *Jurema Preta*. Árvore comum no semiárido, de nome científico *Mimosa tenuiflora*: é uma planta boa recuperadora do solo. Indicação terapêutica: Dor de dente, infecções na boa, dor de cabeça, labirintite, inflamação no útero, cicatrizante, ferimentos, hemorroida, enfermidade de mulheres. (ANAIS, Fio Cruz-PE, 2018 p.83)

<sup>12</sup> Vertente feminista que denuncia o *androcentrismo* da ciência e da história. Resgatando a participação das mulheres dentro do conhecimento formal, nos discursos científicos religiosos, filosóficos, etc. demonstrando o desprezo a conhecimentos holísticos que viam a humanidade como parte natural do meio, em igualdade de condição com outros seres. Denunciando a visão reducionista da ciência, que coloca em risco a sobrevivência humana e do planeta. (PULEO, 2005 apud SILIPRANDI, 2015 p.67)

*mulheres inferiores*). (WARREN 1998 apud SILIPRANDI, 2015. p. 67-68)

Essa lógica opressiva atua de modo semelhante a tudo aquilo que não é *homem ocidental branco*, ou seja, desde seres não humanos, animais, plantas à própria terra em si, como humanos (homens e mulheres) de outras etnias que são considerados inferiores a este modelo etnocêntrico caucasiano.

#### 4.3. A “nova”, não tão nova assim, pluriépistemologia:

A ecofeminista Indiana Vandana Shiva em seu livro *Staying alive* (1988), combina a marginalização das mulheres camponesas do terceiro mundo com pressupostos da cosmologia hindu (SILIPRANDI, 2015 p. 70). Mais adiante Siliprandi explica sobre a perspectiva cosmológica hindu de Shiva na compreensão que o mundo é: “*produzido e renovado continuamente pelo jogo dialético de criação e destruição, coesão e desintegração, em um movimento entre opostos*. (SILIPRANDI, 2015 p. 70)”. Em dialética relação de opostos complementares, que se manifestam a realidade em equilíbrio dinâmico, em cosmovisão harmônica do humano (homem e mulher), em interação no campo da agroecologia, na interação com a natureza:

*“A recuperação do princípio feminino se baseia na amplitude. Consiste em recuperar na natureza a mulher, o homem e as formas criativas de se perceber. E no que se refere à natureza, supõe vê-la como organismo vivo. [...] Em função de criar sociedades que promovam a vida e não a reduzam ou a ameacem.”* (1997, SHIVA apud SILIPRANDI, 2015 p.72)

A monocultura dentro deste contexto passa a ser vista como símbolo que valoriza a produção em série e o abuso dos recursos naturais, injustificável deste ponto de vista cosmológico. Pois provoca dominação do meio natural, destruição da diversidade e do equilíbrio (SILIPRANDI, 2015). As similaridades enfrentadas em resistência a monocultura em países de terceiro mundo se faz presente ao compararmos a relação de exaustão da terra em contexto indiano tanto quanto do semiárido brasileiro. Ambos os países colonizados que mesmo após suas independências se mantêm presos a lógica moderna de exaustão dos recursos naturais e de degradação socioambiental. Escravos da lógica do mercado e seu sistema financeiro. Há semelhanças também na cosmovisão atribuída ao caso da ecofeminista Vandana Shiva e sua resistência como cidadã de terceiro mundo, como nas táticas agroecológicas exercidas no semiárido e por suas camponesas, aprofundaremos adiante.

Para Fritjof Capra: “*A consciência holística tem por base a concepção de subsistemas que são, simultaneamente, “todo” e “partes”. A inter-relação e a interdependência são elementos essenciais em todos os fenômenos físicos, biológicos, culturais e sociais: “A concepção sistêmica vê o mundo em termos de relações e de integração”* (Capra, 1999, p. 260 apud SILVA, 2003). A perspectiva paradigmática de *convivência com a seca* ao invés de *combate à seca*, está em muito associada a compreensão da rede holística que une todo o ecossistema. Trazendo esta linha de raciocínio para o caso nordestino, onde a vivência na comunidade de agricultura familiar é intrínseca à sua realidade a perspectiva paradigmática de equilíbrio dinâmico e compreensão dos processos em rede da natureza.

Para situar-se em uma realidade brasileira e latino-americana, a teóloga ecofeminista Ivone Gebara se aproxima com as posições da teologia da libertação, de forte influência nos movimentos sociais indígenas, populações pobres, comunidades de pastorais eclesiais, etc. Indo em direção a uma ecojustiça. (SILIPRANDI, 2015). Puleo (2005) sintetiza o pensamento de Gebara:

*“Abandonar a imagem de Deus como dominador e o dualismo corpo/espírito da antropologia cristã tradicional. A transcendência já não estará baseada no desprezo da matéria, mas se definirá como imersão no mistério da vida [...] será concebida como experiência de beleza, de grandiosidade da natureza, de suas relações e de sua interdependência.* (PULEO, 2005, apud SILIPRANDI, 2015 p. 137)”

A ativista Indiana Shiva diálogo, de certo modo, dialoga com a epistemologia conceitual de Capra e da teóloga ecofeminista Gebara no tangente a compreensões holísticas de inter-relação, impermanência e interdependência, na interação da realidade material de opostos complementares. De modo muito semelhante é a cosmovisão do agricultor agroecológico em sua consciência da interconectividade e da retroalimentação da natureza. Pois quando encharca a terra de sementes, o faz sabendo da interconectividade intrínseca a natureza, entendendo que ali não há desperdício, mas sim retroalimentação. As sociedades de povos tradicionais, nordestina e hindu, trazem em si semelhanças, cosmovisões que procuram uma integração e diálogo do humano com a terra, do humano com a natureza. Do homem com a mulher, em equidade de gênero, em equilíbrio, em igualdade e justiça.

A ONG Chapada do Araripe<sup>13</sup> por exemplo, tem como proposta em sua missão ser: *“referência em relações equitativas de gênero e defesa, preservação e recuperação do meio ambiente e da agrobiodiversidade, por meio da agroecologia para a convivência com o Semiárido.”* Essa mesma ONG foi quem trouxe capacitação para Jurema Preta.:

*“Eu comecei a assumir mesmo, assim, assumir minha identidade de agricultora para que isso viesse a vivenciar na minha vida. Mesmo, em 2004, quando a chapada de Araripina, que é uma ONG e o CAATINGA é uma ONG também, que nos dava assistência. Dava uma assistência técnica, e o CAATINGA, nos ajudava nisso e nos programas das cisternas. E trouxe capacitação.”*

As lutas e movimentos sociais do terceiro mundo se assemelham a partir dos impactos ambientais sofridos: *“industriais e agrícolas que ameaçavam o acesso dos pobres a recursos para sua sobrevivência. Incluíam camponeses cujas terras foram devastadas, pescadores artesanais contra a pesca industrial e de alta tecnologia, movimentos contra minas e fábricas poluentes”* (ALIER 2006 apud SILIPRANDI, p.75, 2015). Sofrem os povos do terceiro mundo dos mesmos dilemas referidos a ecojustiça e suas inspirações são oriundas de convenções nacionais e internacionais do campesinato ocorridas na segunda metade do Séc. XX, e entre outras fontes como a teologia da libertação no caso brasileiro, que propiciaram diálogos da agroecologia buscando o engajamento político feminino; resgatando uma cosmovisão ancestral, de equilíbrio dinâmico de harmonia do humano com a natureza. Este embasamento é em si de uma estrutura pluriépistemológica intrínseca à cosmovisão dos povos tradicionais em diálogo frutífero com a ciência. A *“nova”* ancestral epistemologia, a pluriépistemologia agroecológica, não é tão nova assim.

## **5. POLÍTICA E TRABALHO.**

### **5.1. Articulações das Trabalhadoras Rurais:**

Ao longo do final do séc XX, podem ser expressos os movimentos sociais na síntese da *Articulação do Semiárido* (ASA), organização chave na compreensão dos movimentos sociais que buscam combater a *indústria da seca* e toda a lógica da escassez e o paradigma moderno mecanicista que lhe rodeia. Eis que no ano de 1999, paralelo a 3º Convenção de Combate à Desertificação e à Seca (COP3) da Organização das Nações Unidas (ONU), realizada no Recife-PE, organizações do semiárido brasileiro aproveitam o ensejo e lançam a *“Declaração do Semiárido: Propostas da articulação no semi-árido brasileiro para convivência a convivência com o semi-árido e combate à desertificação”*.(ASA,1999). O documento propõe articulações e medidas sociais aliadas ao combate à desertificação e à indústria da seca. Demonstrando em linhas gerais, a conseqüente degradação da dignidade humana, no sentido do aprisionamento causado pelo clientelismo político. Abrindo espaço para planejamento e realização junto aos governos na viabilidade de um constructo social de emancipação do trabalhador rural, no tangente a construção de cisternas, agricultura familiar sustentável, o desenvolvimento e aplicação de tecnologias dadas à realidade do semiárido, na valorização da mulher do campo e outros tantos pontos que contribuem significativamente para o processo de combate à desertificação na busca da justiça social.

No âmbito das trabalhadoras rurais e suas articulações, referenciando um artigo publicado na *revista de Estudos Feministas de Florianópolis de maio-agosto/2007*, no ano de 1985 ocorreram 12 encontros de mulheres

---

<sup>13</sup> A ONG chapada do Araripe é ligada a *Articulação do Semiárido*. (<http://ongchapada.org.br/missao-visao-e-objetivos/>)

trabalhadoras rurais nas mais diversas regiões do país (SALES, 2007). O mesmo artigo também aponta como fonte uma série de eventos relacionados a organizações rurais ligadas ao trabalho feminino no estado do Ceará; Como o I Congresso de Mulheres Trabalhadoras Rurais, realizado 1991, ligado ao movimento rural FETRAECE<sup>14</sup>, o I Encontro Latino-Americano e do Caribe da Mulher Trabalhadora Rural, realizado em Fortaleza, em 1996, no ano seguinte: “... de 1997 foi marcado pela Campanha de Documentação Nenhuma Trabalhadora Rural Sem Documento, lançada pela Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais (ANMTR).”(SALES p.439)

Estas movimentações de trabalhadoras rurais são pinceladas de toda orquestra da organização que os movimentos sociais prepararam para entrada do séc. XXI. Em consonância com a justiça social, a pluriepistemologia agroecológica, holística, em rede, em equilíbrio dinâmico, obedece à polaridade horizontal de gênero. Entende-se que a inserção da mulher como atuante política engaja e dinamiza o processo de transformação social e combate à desertificação rumo a ecojustiça.

## 5.2. Mulheres de Exu-PE e a agroecologia:

*Jurema Preta* se insere no sindicato rural de Exu em 2005, trabalhou por oito anos na secretaria de coordenação de mulheres do mesmo município. Em 2006 adquire uma terra de assentamento, como descrito por ela: “2006 eu consegui uma terra de área de assentamento, lá onde vivo hoje, compro pro governo e pago. Não é aquela que o pessoal se apossa. A gente compra pelo Instituto da terra de Pernambuco, a gente comprou.”

Enquanto *Copaíba* adquiriu sua terra na região da Serra dos Paus Dóias, também nos idos de 2006, tendo sido membra ativa do MST de 1997 a 2003. Atuava no setor de saúde, trazendo a perspectiva da segurança alimentar como norteadora de suas ações. Nas palavras de *Copaíba*: “Eu venho dos movimentos sociais, eu chego aqui e continuo. Quando eu cheguei nos paus dóia, a Agrodoia já existia, associação. E a partir disso a gente passa a discutir a questão da segurança alimentar.” Ela carrega consigo uma frase que entoa como uma reza em suas práticas, que traduz muito bem seu enfoque sobre segurança alimentar: “Que o alimento seja o teu remédio e o teu remédio seja o teu alimento.” Inclusive foi com esta frase que encerramos oficina de extração de óleos essenciais que a agricultora promoveu durante o encontro de saberes. E dentro destes encontros, os movimentos sociais e as capacitações, as oportunidades que as associações oferecem, os conhecimentos agroecológicos se enraizam e se ramificam.

A participação social dessas mulheres ante suas vivências agroecológicas, marcam presença e na construção de processos que buscam o combate à desertificação. As articulações, os movimentos sociais, se fazem por emergir o lugar dessa agricultora que compreende os meandros e ritmos do meio ambiente, que se integram à natureza como *ethos* de cura. Que se entendem como *raizeiras*, *benzendeiras* e não só como agricultoras. A inserção dessa mulher neste modelo de agricultura familiar sustentável angaria uma percepção de vida aliada ao respeito simbólico à natureza ao invés de um modelo de exaustão de recursos da agricultura tradicional, de monocultura.

*Jurema Preta* se refere a sua mãe, sua avó, com quem aprendeu a se portar como *raizeira*, sob o sangue que corre por suas veias. Percepção que ao divinizar a natureza, demonstra seu respeito e intencionalidade harmoniosa com a mesma. Como diz Lucineide: “A raizeira, as raiz, as meizinha, como era chamada antes. Corre nas veias (...) Que corre no sangue... Vou te falar agora... é que eu aprendo com a natureza, porque a natureza foi Deus quem criou, e ele fez bem-feita e perfeita.”

## 5.3 Encontro de Saberes da Caatinga 2019:

Na cidade de Exu - Pernambuco, ao entrevistar duas mulheres ligadas a agricultura familiar e do sistema agroflorestral daquela região, como já descrito, realizadas no contexto do 3º encontro de saberes da Caatinga; ocorrido nos dias 18 a 27 de janeiro de 2019. Estive em busca de compreender *in loco* a vivência da agroecologia e suas vivências enquanto mulheres. Aonde pude realizar as entrevistas em caloroso contexto do semiárido brasileiro. Durante as entrevistas e por todo o encontro de saberes, elas, as entrevistadas e as mulheres, demonstraram engajamento político em movimentos sociais, sendo detentoras de saberes tradicional e consideram-se agricultoras experimentadoras.

O encontro de saberes teve como temática *benzendeiros*, *raizeiros* e *parteiras*, reuniu inúmeras pessoas com estas vocações de localidades nordestinas. Assim como grande número de agricultores

<sup>14</sup>Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado do Ceará

experimentadores. Os movimentos de articulações do semiárido, assim como os diversos movimentos sociais e as ONGs, possuem grande influência na construção desta junção de saberes. E como resultados reúnem e mantêm viva a chama da sabedoria e do conhecimento para serem passadas para as próximas gerações. Em um movimento de enraizamento indenitário, o encontro de saberes reafirma o lugar da agricultora *raizeira*, do agricultor experimentador, da anciã *benzedeira*. De diversos mestres que por ali passaram e deixaram sua experiência, cada um deixou um pouco de sua alma. Suas sabedorias lançadas são como sementes, que por mais que não germinem, servirão de alimento para as próximas gerações.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Estamos diante a uma dicotômica visão de mundo, que está em palco de disputa política e que tem em um de seus lados, como protagonistas, mulheres e o conjunto de suas ações agroecológicas e seus adjacentes sistemas agroflorestais. Que compreendem a realidade do *convívio* com a seca e o combate que exercem é sobre a desertificação e os desertificadores. Seu combate não se dá por luta direta, mas por simples resistência em se manterem vivas as chamas de seus saberes tradicionais. Enquanto de outro lado há a agricultura tradicional, baseada na monocultura, na exaustão de recursos, e grandes posseiros, latifundiários com seus pesados maquinários, desencadeiam a erosão e a desertificação do semiárido, se alimentando de clientelismo político e assim da *indústria da seca*.

No campo simbólico dessa mulher nativa do semiárido, *raizeira*, está a harmônica cosmovisão ancestral do equilíbrio dinâmico com o meio ambiente, integrada com a natureza, diferentemente do grande latifundiário. Elas se utilizam de técnicas agrícolas de forte inspiração indígena associadas à sensibilidade de cura que o saber tradicional as proporciona; deste saber oriundo de suas mães e suas avós, quiçá mais além até a ancestralidades imemorais. Tendo a segurança alimentar como denominador comum no divisor de águas dos dois modelos de agricultura que se apresentam. Do lado da mulher *raizeira* está a sustentabilidade, o lugar da agricultora experimentadora em sua resistência por uma ecojustiça.

O modelo de agricultura familiar sustentável, tendo a mulher inserida neste espaço político e de trabalho, elenca o contexto da agroecologia como locomotiva ideológica e seu sistema agrícola agroflorestal; que proporcionam a preservação e a recuperação dos recursos, de segurança alimentar, bens ambientais e equanimidade de gênero. Em movimento que reúne afirmação de uma identidade por resgatar saberes tradicionais. E mais além, não só resgata, mas também funde com o conhecimento científico, preparando algo novo, que, entretanto, não é tão novo assim por ter suas raízes ancestrais. É como uma nova florada de uma árvore velha, enraizada.

Na junção do saber tradicional com o saber científico, propõe um novo caminho paradigmático. A perspectiva pluriépistemológica alancada pela agroecologia demonstra estar viva na fala das entrevistadas. Que vai desde o empoderamento das classes camponesas há muito marginalizadas, ao resgate de saberes tradicionais para até a junção com o saber científico na construção de um modelo inclusivo. Na qual se dará, o saber científico nesta junção, o retorno que tanto deveria fazer à sociedade. E que muito embora vem desprezando este dever por se associar com interesses mercadológicos e por paradigmas etnocêntricos modernos do domínio do homem sobre a natureza.

A sabedoria que elas possuem está em sua simplicidade para sermos aquilo que somos verdadeiramente. A sabedoria tradicional resgata a busca pela verdade enquanto ideal e prepara terreno para uma verdadeira ciência embasada em pluriépistemologia e transdisciplinariedade. Mas sua ordem primeira é a humildade que o povo tradicional carrega. Precisamos enquanto acadêmicos deixarmos de lado a arrogância e o orgulho para aprendermos com o povo humilde. Para então resgatarmos a ciência de volta a virtude do conhecimento para a sabedoria. E nos curarmos do parasitismo do conhecimento pelo conhecimento que a produção mercadológica de artigos traz com seu etnocentrismo caucasiano. Nos envenena como um agrotóxico.

A chave do conhecimento para a sabedoria está em sermos verdadeiramente quem somos: somos mestiços brasileiros sulamericanos. Temos sangue africano, ameríndio e europeu. Somos por essência pluriépistemológicos.

Como ensina a sabedoria de *Copaíba*:

*“Nós precisamos ser o que verdadeiramente a natureza é para conosco. A simplicidade que ela traz para nós que é uma beleza e uma grandeza, muito grande. E (não) dizendo que: eu sou isso.... Ou, eu sou aquilo.... Ela simplesmente se apresenta.*

*E se nos conseguíssemos compreender a beleza e a dimensão que cada um têm. E o quanto nós somos valorosos um para com o outro, e que cada um tem uma importância enorme, e que cada saber desse dom, está ali e ele precisa ser vivenciado, trazido, aflorado. Quando nos compreendemos isso somos verdadeiramente um povo só e somos verdadeiramente irmãos. E somos verdadeiramente biodiversidade. E a partir disso a gente compreende tudo isso. Isso não é utopia. Isso não é utopia. Porque quando a gente começa a compartilhar e vivenciar um momento desse enquanto Encontro de Saberes que a Caatinga traz. Ele mostra que verdadeiramente não é utopia. É só acreditar e fazer”*

## REFERÊNCIAS

ANAIS ENCONTRO SABERES E PRÁTICAS DA CAATINGA, 1º e 2º., 2018, Exu-pe. **Saberes e Práticas da Caatinga na Chapada do Araripe**: 19 a 22 de Janeiro de 2017. Recife-PE: Fio Cruz Pernambuco, 2018. 144 p.

ARAÚJO, Flávia Telis de Vilela., NUNES, Ana Bárbara de Araújo., SOUZA FILHO, Francisco de Assis de., Desertificação e pobreza: existe um equilíbrio de baixo nível? **Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza**, v. 45, n. 1, p. 106-119, jan./mar., 2014

ASA, Articulação do Semiárido. **Declaração do Semiárido**: Propostas da articulação no semi-árido brasileiro para convivência a convivência com o semi-árido e combate à desertificação. Recife 1999. Recife. Pernambuco. Acessado em 11/11/2019. Link: [http://www.mma.gov.br/estruturas/sedr\\_desertif/arquivos/declaracao\\_semiarido.doc](http://www.mma.gov.br/estruturas/sedr_desertif/arquivos/declaracao_semiarido.doc)

BATISTA, Camila Lima. **Empoderamento das Mulheres rurais**: uma experiência exitosa de Assistência Técnica e Extensão Rural para grupos produtivos de Mulheres Rurais

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente, Secretaria de Recursos Hídricos. **CONVENÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DE COMBATE À DESERTIFICAÇÃO**. 3ª edição Brasileira.

BRITO, J. da S.; AZEVEDO, C. M. B. C. de; SHIMIZU, M. K.; KATO, O. R. **Viabilidade econômica de sistema agroflorestal no Nordeste paraense**. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA EMBRAPA AMAZÔNIA ORIENTAL, 21., 2017, Belém, PA. Anais. Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2017.

CAMPOS, E. O Papel do Oceano nas Mudanças Climáticas Globais. **Revista USP**, n. 103, p. 55-66, 22 nov. 2014. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i103p55-66>

CAMPOS, J. N. B.; STUDART, T. M. C. **Secas no Nordeste do Brasil**: origens, causas e soluções. In: INTER-AMERICAN DIALOGUE ON WATER MANAGEMENT, 4., 2001, Foz do Iguçu. Anais... Foz do Iguçu: Associação Brasileira de Recursos Hídricos, 2001

CARVALHO, Rodrigo; GOEDERT, Wenceslau J.; ARMANDO, Marcio Silveira. Atributos físicos da qualidade de um solo sob sistema agroflorestal. **Pesq. agropec. bras.**, Brasília, v. 39, n. 11, p. 1153-1155, Nov. 2004. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-204X2004001100015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-204X2004001100015&lng=en&nrm=iso)>. accesson 18 Nov. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-204X2004001100015>.

CASTRO, I. E.. Natureza, imaginário e a reinvenção do Nordeste. In: Rozendahl, Z.; Corrêa, R. L.. (Org.). Paisagem, imaginário e espaço. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, v. , p. 103-133.

CNM, Confederação Nacional de Municípios. **ESTUDO: PREJUÍZOS CAUSADOS PELA SECA 2012 AO 1º SEMESTRE 2017**. Brasília. 2018. Acessado em 11/11/2019. Link: <https://www.cnm.org.br/biblioteca/exibe/3625>

CNM, Confederação Nacional de Municípios. **Municípios e o convívio com a seca** – Brasília: CNM, 2017. 88 páginas. ISBN 978-85-8418-082-0

COSTA, José de Araújo. **O FENÔMENO EL NIÑO E AS SECAS NO NORDESTE DO BRASIL**. Educação, Tecnologia e Cultura - E.T.C., [S.l.], n. 12, jun. 2016. ISSN 2525-3859. Disponível em: <<https://publicacoes.ifba.edu.br/index.php/etc/article/view/55>>. Acesso em: 11 nov. 2019

GUZMÁN, Eduardo Sevilla. **AGROECOLOGIA COMO ESTRATEGIA METODOLÓGICA DE TRANSFORMACIÓN SOCIAL**. Revista Reforma Agrária e Meio Ambiente, Brasília-df, v. 2, n. 1, p.5-11, out. 2006.

EVANGELISTA. A agricultura familiar no Brasil e no Nordeste. **Banco do Nordeste do Brasil: Escritório Técnico de estudos econômicos do Nordeste**. 2000

MORAES, Marta. **Sistemas agroflorestais: o caminho para uma vida mais sustentável no sertão: casal retorna ao campo para matar saudades e sobreviver com dignidade**. Agrisustentavel.com. Disponível: <<http://www.agrisustentavel.com/san/exusaf.html>>. Acesso em 19/11/2019 as 15:35

PEREZ-MARIN, Aldrin Martin et al. Núcleos de desertificação no semiárido brasileiro: ocorrência natural ou antrópica? **Parcerias Estratégicas**, Brasília-df, v. 17, n. 34, p.87-106, jan-jun. 2012. Semestral.

PIRES, Ana Paula Novais e FERREIRA, Idelvone Mendes. **Cercas e secas: reflexões sobre a água no nordeste semi-árido**. In: PROCEEDINGS OF XIII JORNADA DO TRABALHO, 1., 2012, Presidente Prudente. Proceedings online... Centro de Estudos de Geografia do Trabalho, Availablefrom: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000142012000100002&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000142012000100002&lng=en&nrm=abn)>. Acession: 11 Nov. 2019.

SA, I. B.; CUNHA, T. J. F.; TEIXEIRA, A. H. de C.; ANGELOTTI, F.; DRUMOND, M. A. **Semiárido brasileiro: pesquisa, desenvolvimento e inovação** In: SA, I. B.; SILVA, P. C. G. da. **Processos de desertificação no Semiárido brasileiro**. pesquisa, desenvolvimento e inovação. (Ed.) Petrolina: Embrapa Semiárido, 2010. cap. 4, p. 126-158.

SALES, Celecina de Maria Veras. Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos. **Rev. Estud. Fem., Florianópolis**, v. 15, n. 2, p. 437-443, Aug. 2007. Availablefrom<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2007000200010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000200010&lng=en&nrm=iso)>. accesson 11 Nov. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2007000200010>.

SAMPAIO, Everardo V.S.B, ARAÚJO, Maria do Socorro B., SAMPAIO Yony S.B. IMPACTOS AMBIENTAIS DA AGRICULTURA NO PROCESSO DE DESERTIFICAÇÃO NO NORDESTE DO BRASIL. **Revista de Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia**, Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco. Recife. v. 22, n. 1. P. 90-112, 2005.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**. 1. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. v. 1. 351p.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. Entre dois paradigmas: combate à seca e convivência com o semi-árido. **Soc. estado., Brasília**, v. 18, n. 1-2, p. 361-385, Dec. 2003. Availablefrom<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922003000100017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922003000100017&lng=en&nrm=iso)>. accesson 11 Nov. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922003000100017>.

SILVA, Teresinha Teixeira da et al. PERFORMANCE ECONÔMICA E AMBIENTAL DE AGRICULTURA AGROFLORESTAL E CONVENCIONAL NO MUNICÍPIO DE NOVA OLINDA-CE. **Revista Verde de**



**Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, [s.l.], v. 10, n. 5, p.85-91, 19 nov. 2015. Trimestral. Grupo Verde de Agroecologia e Abelhas. <http://dx.doi.org/10.18378/rvads.v10i5.3817>.